

**Negras vozes de mulheres: resenha do livro *Carolinas* (2021)**

*Black Female Voices: Review of the Book Carolinas (2021)*

Autoria: Ayana Moreira Dias

 <https://orcid.org/0000-0003-4032-9540>

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.188997>

URL do artigo: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/188997>

Recebido em: 30/07/2021. Aceito em: 30/07/2021.

---

**Opiniões – Revista dos Alunos de Literatura Brasileira**

São Paulo, Ano 10, nº 18, jan.-jul., 2021.

E-ISSN: 2525-8133

Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Universidade de São Paulo.

Website: <http://www.revistas.usp.br/opiniaes>.  [fb.com/opiniaes](https://www.facebook.com/opiniaes)

---

**Como citar (ABNT)**

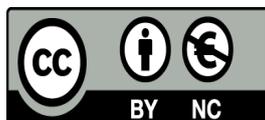
DIAS, Ayana Moreira. Negras vozes de mulheres: resenha do livro *Carolinas* (2021).

*Opiniões*, n. 18, p. 595-601, 2021. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.188997>. Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/opiniaes/article/view/188997>.

---

**Licença Creative Commons (CC) de atribuição (BY) não-comercial (NC)**



Os licenciados têm o direito de copiar, distribuir, exibir e executar a obra e fazer trabalhos derivados dela, conquanto que deem créditos devidos ao autor ou licenciador, na maneira especificada por estes e que sejam para fins não-comerciais

---

# negras vozes de mulheres: resenha do livro *carolinas* (2021)

Black Female Voices: Review of the Book Carolinas (2021)

**Ayana Moreira Dias<sup>1</sup>**

Universidade Federal Fluminense – UFF

DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2525-8133.opiniaes.2021.188997>

---

<sup>1</sup> Ayana Moreira Dias é mãe, poeta, dramaturga, atriz, formada pela Escola Técnica de Teatro Martins Penna, mestre em Literatura Brasileira (UFF), com a pesquisa sobre a produção literária da escritora Carolina Maria de Jesus, especialista em Literaturas Portuguesa e Africanas (UFRJ), licenciada em Letras Português/Francês (UERJ). E-mail: [ayanamoreiradias@gmail.com](mailto:ayanamoreiradias@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4032-9540>.

**Resumo**

Resenha do livro *Carolinas: a nova geração de escritoras negras brasileiras* (2021), resultado do processo formativo da Flup – Festa Literária das Periferias – 2020.

**Palavras-chave**

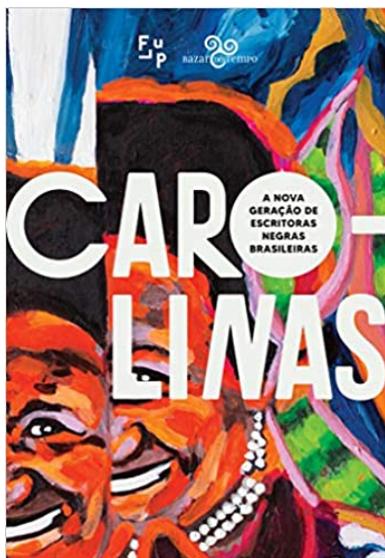
Literatura brasileira. Autoria negra feminina. Carolina Maria de Jesus.

**Abstract**

Review of the book *Carolinas: a nova geração de escritoras negras brasileiras*, the result of the formation process of Flup – Festa Literária das Periferias – 2020.

**Keywords**

Brazilian literature. Black Female Authorship. Carolina Maria de Jesus.



A discussão sobre valor literário, por muito tempo, serviu como maquiagem para calar certas vozes. A quem interessa definir o que é bom gosto das letras? Quem ficou de fora de um sistema definido e moldado por homens brancos? Esse é um debate provocador, longo, belo e necessário em que se apoiam pesquisadoras e pesquisadores interessados na ruptura de uma lógica colonial/patriarcal massacrante, assassina, opressora e silenciadora. Estipulada pelos covardes do/no poder. Aqui, pela direção contrária, exaltaremos a coragem, a bravura e a resistência que não podem e não devem ser romantizadas, mas compreendidas como estratégias de sobrevivência. Este texto precisa cuidar dos avanços, ainda tímidos, da ressonância das "negras vozes de mulheres" na literatura brasileira. Este texto precisa revelar uma fenda histórica aberta por uma mulher: a publicação do livro Quarto de despejo – diário de uma favelada (1960), da escritora Carolina Maria de Jesus, a primeira negra a ter grande sucesso editorial do país.

A escrita de Carolina é um tipo de machado, só que mais forte pois fissurou, e ainda fissura, a pedra secular da literatura brasileira e abre uma brecha para que outras tantas vozes sejam ouvidas. Um dos aspectos mais sensíveis de produção desse texto, é o do reconhecimento de uma forte similaridade/correspondência entre a proposta do dossiê temático desta edição da revista e a coletânea Carolinas (2021), a qual me disponho a resenhar. Ambas as temáticas tratam de vozes femininas, ambas são coro, ambas são roda.

Carolinas: a nova geração de escritoras negras brasileiras é uma coletânea que reúne cento e oitenta escritas produzidas por mulheres negras, em diversos gêneros literários, cujo nascimento, em 2021, só foi possível graças à fresta aberta por Carolina há sessenta e um anos atrás. A Festa Literária das Periferias – Flup, de 2020, prestou homenagem aos sessenta anos de publicação de Quarto de despejo, organizando um ciclo de debates intitulado Uma revolução chamada Carolina como parte de um processo formativo com quase duzentas mulheres negras, previamente selecionadas. O objetivo dessa formação era promover uma reescritura de Quarto de despejo a partir dessas múltiplas vivências resultando na publicação da coletânea. As mulheres foram divididas em oito grupos, cada um sob a orientação de uma(um) profissional convidada(o) pelos organizadores da Flup. Cada grupo possuiu uma maneira própria de trabalhar e desenvolver essas escritas literárias que, hoje, compõem o livro, a partir das sugestões propostas pelas(os) orientadoras(res) e das demandas exigidas pelas autoras envolvidas no processo, gerando uma diversidade de abordagens temáticas e de gêneros literários (cartas, diários, contos, memórias).

Essa obra é uma grande oportunidade de ampliação de escuta às(aos) leitoras(es) dispostos a encarar atentamente as quinhentas e sessenta páginas do livro. A importância de uma criação coletiva resultar em uma obra grandiosa, em

volume e conteúdo é a mesma importância do reconhecimento dessas tantas escrituras que se fortalecem em roda, em coro. Estar em roda, colocar-se em roda com mulheres, com mulheres negras é uma via penetrável de escuta, um estímulo, uma abertura de caminho, uma ampliação da fenda mencionada, um alargamento da representatividade. As narrativas presentes no livro deslocam a(o) leitora/leitor a diversos cenários, plenos em detalhes que dialogam profundamente com a própria história da formação social do Brasil, revelando uma experiência negra feminina prática e subjetiva num país que violenta sistematicamente esses corpos.

Os cento e oitenta textos estão divididos em oito partes, que representam os grupos formados durante o processo formativo. Quem apresenta cada uma dessas partes são as(os) orientadoras(res) e, na sequência, os textos são dispostos em ordem alfabética, de acordo com o nome das escritoras. Ao final de cada parte, é possível acessar uma minibiografia das autoras. Duas importantes intelectuais negras assinam a orelha e a apresentação do livro, são elas: a professora Fernanda Felisberto e a professora Fernanda Miranda, respectivamente. Em relação aos aspectos gráficos, a edição apresenta, já na capa, ilustrada por Paty Wolff e projetada graficamente pela Leticia Antonio, um rosto alegre, vivo e forte de Carolina Maria de Jesus, confrontando a imagem de precarização hegemonicamente significada pela crítica branca – um tipo de avanço no campo visual da representação da autora. As ilustrações que compõem o interior do livro revelam a sensibilidade de escuta de Thais Linhares ao dialogar com as narrativas, promovendo um espetáculo (eu adoro esse palavra porque pressinto reconhecer o seu efeito sonoro em Carolina Maria de Jesus, que gostava muito de “espetáculo”).

Outro fator relevante apontado, no prólogo, pelo organizador do livro, Julio Ludemir, são as questões relacionadas à intenção (identificação da necessidade) de realizar este projeto. Dentre elas, ressalta-se o reconhecimento da limitação de vozes negras, principalmente as femininas, circulando pelo mercado editorial brasileiro. Convém lembrar que a publicação de Quarto de despejo surpreendeu esse mercado, tanto o brasileiro como o mundial, já no momento do seu lançamento. O livro tornou-se um best-seller logo na primeira semana de vendas, pois ali anunciava-se o novo. É importante alertar que o sucesso editorial desse livro não foi capaz de medir, à época, a força da escritora ali presente, pois o racismo estrutural se ocupou de reduzir a imagem da autora ao estereótipo da "favelada que escreveu um diário", implicando em um consumo massivamente pautado no fetiche de uma elite ávida pelo "exótico" e cega para a existência verdadeira e fátua do surgimento de uma intelectual oriunda de uma classe social dita subalterna, ou seja, do "lixo".

Trazer essa reflexão é fundamental pois, em um gesto inevitável de comparação entre a recepção da coletânea e de Quarto de Despejo por parte do público leitor, ainda hoje, observamos um desconforto da elite em reconhecer essas tessituras narrativas e a própria ideia de que mulheres negras diversas escrevem, como se pode perceber a partir de certas críticas já elaboradas a respeito do livro Carolinas. Críticas essas que tentam modular esse imenso coro a uma só voz ao particularizar cento e oitenta escrituras ao velho paradigma pelo qual foi submetida Carolina: o da precariedade, seja social, seja material. As cento e oitenta

autoras que integram a coletânea possuem origens, formações, experiências sociais díspares e essa é uma das belezas dessa reunião, deste coral de negras vozes de mulheres. O título do livro é plural, as narrativas são plurais, mas, ao mesmo tempo, particulares, subjetivas, individuais embora atravessadas por questões coletivas – isto é, as opressões de gênero, raça e classe, que se manifestam de diferentes formas e níveis – e dispostas neste formato de coletânea.

São tão fortes e potentes as imagens surgidas dessas tantas criações literárias a se desenharem por esse mar de letras que é preciso fazer um exercício de leitura contemplativa e reflexiva. Por fim, recorro a uma delas elaborada por Claudia Silva, uma das integrantes do grupo de catadoras do ABC paulista, que compõe a parte 8 do Carolinas (2021), no seu texto O tamanho do gigante e a pedrinha, em que nos proporciona uma reflexão belíssima acerca do tempo e do valor do que se constrói: "Então o futuro para mim é lembrança." (p. 503). Essa frase, a princípio, estranha e inusitada – uma vez que "lembrança", relacionada ao campo semântico de memória, é, costumeiramente, atrelada a ideia de passado – é de uma beleza sem igual, pois revela a potência do que se deixa como legado. A herança escrita de Carolina Maria de Jesus é uma lembrança que se projeta no presente, ao ser reverenciada neste livro, mas, ao mesmo, lança-se para um tempo depois: um futuro de silêncio rompido pelas negras vozes de mulheres.

## referências bibliográficas

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo* – diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

LUDEMIR, Julio (Org.). *Carolinas*: a nova geração de escritoras negras brasileiras. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo: Flup, 2021.